



LEI 10.639/2003 E EDUCAÇÃO FÍSICA: DA PROBLEMATIZAÇÃO DESTA RELAÇÃO A UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Laura Fernanda Rodrigues da Rocha¹

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/2003; Prática pedagógica da Educação Física; Educação das relações étnico-raciais.

A partir do reconhecimento do potencial formador da instituição escolar, no sentido da construção, criação e manutenção do poder, é possível dizer que tal instituição contribui e contribuiu para a construção das conjunturas social e racial peculiares em nosso país, embora possa contribuir também para transformá-las. Trata-se do contexto de um país que apresenta além de um quadro de desigualdade socioeconômica, outro de desigualdade racial, desigualdades estas que caminham lado a lado, mas apresentam formas peculiares de operar na cultura, na educação, nas relações e na vida dos sujeitos (GOMES, 2008). Um exemplo do cotidiano escolar que caracteriza a desigualdade nas relações étnico-raciais, foi a situação que presenciei como professora de Educação Física de uma turma de primeiro ano do ensino médio, na qual havia um aluno africano, e um colega questionou, com um tom que interpretei como debochado, se em seu país, Angola, existiria vôlei. A partir de um comentário relativamente comum e desprezioso, procurei realizar um trabalho que tratasse da temática das relações étnico-raciais, o qual eu pretendo relatar neste texto.

Paralelamente ao relato, também pretendo, nos limites desta exposição, trazer a tona a problematização da relação entre a Educação Física e a Lei 10.639/2003², já que esta trata da temática que foi trabalhada nas aulas desta disciplina com a turma citada. Destaco inicialmente o reconhecimento desta lei enquanto uma política de ação afirmativa, e um grande passo em relação à discussão desta temática no meio educacional, fruto das lutas do Movimento Negro. Pode-se dizer também que a referida lei e suas diretrizes apresentam-se como uma proposta de política educacional. Desta forma, justifica-se refletirmos sobre a relação entre a lei e a prática pedagógica de uma disciplina específica.

No campo da Educação Física a cultura tem sido evidenciada nos últimos anos, já que se trata da disciplina curricular responsável pelo trato pedagógico com o “ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica.” E mais, “O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza” (DAOLIO, 2004, p. 02 e 03). Este entendimento relaciona próxima e diretamente a disciplina em questão com a temática relativa à Lei 10.639/2003. Taborda de Oliveira também apresenta questionamentos e reflexões que caminham neste sentido: “Em nossos currículos escolares “quem” ou “o quê” aborda as questões referentes aos *preconceitos raciais*, às *divergências étnicas*, aos conflitos de classe manifestos no corpo, às relações de gênero e à definição de papéis sexuais no contexto societário, à violência, à sexualidade, ao consumo de drogas?” (TABORDA DE OLIVEIRA, 1998, p. 124, grifos meus). Os laços dessa relação se estreitam mais ainda quando pensamos no corpo e na corporeidade, já que ambos são caros à cultura afro-brasileira e africana (ROCHA, 2009), bem como à Educação Física (BRACHT, 2005). Mais uma questão que aproxima a Educação Física da temática em questão são alguns exemplos de conteúdos, como capoeira e as danças, de origem africana. Destaco que tenho procurado em

minha prática pedagógica tratar desta temática, através de intervenções com a capoeira e com as danças afro-brasileiras e, a partir destas, discussões de estereótipos e preconceitos vêm sendo realizadas, no entanto avalio que estas aconteceram até então de uma maneira um tanto quanto isolada e pontual.

Deparando-me com a turma já citada, procurei realizar um trabalho mais extenso e aprofundado. A partir do comentário citado anteriormente, propus a turma que realizássemos uma pequena pesquisa das práticas mais comuns em algum país que cada aluno escolhesse e expusesse tal pesquisa no grupo virtual da turma em uma rede social, o qual eu passei a participar. Procurei fazer, sempre que possível, uma ponte estreita entre o que era exposto na rede social e o nosso trabalho em sala de aula. Apesar da dificuldade de trabalhar com o volume e a velocidade de informações que circulam nessas redes sociais, a aproximação com os alunos proporcionada contribuiu muito para tocar no assunto tão delicado do preconceito racial. Realizamos nas aulas inicialmente atividades ligadas ao Rugby e ao Críquete, a partir das pesquisas realizadas pelos alunos que escolheram os países Nova Zelândia e Índia, respectivamente. Tais práticas possibilitaram reflexões a respeito de questões ligadas à colonização, à homogeneização das práticas corporais e à valorização das culturas locais. Os próprios alunos trouxeram para as aulas e para o grupo virtual a dança guerreira Haka realizada pelos neozelandeses antes dos jogos de Rugby, extrapolando para a ideia de como seria e por que não temos uma dança assim no Brasil³, além dos questionamentos suscitados a partir da constatação do fato de a prática mais popular na Índia ser um esporte de origem inglesa. Em um segundo momento, eu questionei-os no nosso grupo virtual a respeito de posturas deles mesmos em sala de aula que poderia ser caracterizadas como preconceito racial, além da elaboração de duas enquetes a respeito do racismo individual e do racismo em nosso país⁴. Cabe destacar que os resultados das enquetes representam por um lado o enraizamento do mito da democracia racial, afinal, os alunos reconheceram que no Brasil temos racismo, mas não se assumiram como racistas, mas por outro lado um avanço, já que os próprios alunos criaram outra possível resposta à pergunta “Você é uma pessoa racista?”: “Pode não ser mais às vezes é sem querer...”. Em sala de aula, além de procurar aprofundar as questões apresentadas virtualmente, tivemos a oportunidade de assistirmos e debatermos o filme “Vista minha pele”⁵. Paralelamente, as discussões virtuais se aprofundavam, textos e vídeos eram postados por mim e pelos próprios alunos. Tensão eram expostas, virtualmente e em sala de aula. Destaco a problematização que fizemos a respeito do fato de ninguém ter escolhido nenhum país africano na primeira atividade que relatei; a discussão a respeito de auto-declaração que aconteceu a partir a minha auto-declaração como negra, mesmo apresentando traços reconhecidos historicamente no Brasil como de brancos; a diferenciação que fizemos do racismo norte americanos e do racismo brasileiro a partir do vídeo postado por uma aluna, em que Morgan Freeman dava um depoimento sugerindo que para acabar com o racismo precisamos parar de falar sobre ele; e a exposição de uma aluna sobre seus sentimentos negativos no trato com este tema⁶. Em um terceiro momento, procurei escolher atividades para realizarmos em sala de aula as quais apresentavam alguma relação história com o continente africano, com o intuito de conhecermos e valorizarmos a cultura destes países. Começamos com o mancala, um jogo de tabuleiro de origem africana e ainda muito jogado em vários países do continente⁷. Pensei em outras práticas como a capoeira, o maracatu e o congado, as quais atenderiam a proposta de experiência e valorização da cultura afro-brasileira e africana, no entanto não consegui realizar nenhuma destas possibilidades. O fato é que se trata de uma temática extenuante, para mim e para os alunos, e, quando evidenciei novamente a questão das relações étnico-raciais em um texto através do grupo virtual, recebi o que senti como uma súplica de um aluno para que parássemos de tratar deste tema⁸. Avaliei que não conseguiria propor as práticas citadas sem entrar novamente de uma maneira muito explícita na temática do preconceito racial, e ponderei que provavelmente o

aluno que expos seu cansaço de alguma forma representava grande parte da turma, de maneira que optei por não dar mais continuidade ao trabalho desta temática.

Avaliei o projeto realizado como um avanço em relação às outras aulas que também tratavam dessa temática, mas apresentavam-se isoladamente. Avalio que consegui aprofundar com os alunos ideia complexas e extremamente relevantes para contribuir com o amadurecimento no sentido da valorização da diversidade e do olhar crítico a respeito das relações étnico-raciais, mesmo tendo encerrado o trabalho de uma maneira um tanto quanto abrupta e sem a realização de algumas práticas pensadas. Desta forma, penso que o relato da experiência vivida com esta turma pode contribuir para outros professores de Educação Física evidenciarem em suas aulas esta temática que, para além do fato de ser lei, se trata de uma temática extremamente próxima a esta disciplina.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. *Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?* In: SOUZA JUNIOR, M. (org.) Educação Física Escolar. 1º Ed. Recife/PE: EDUPE, 2005, v.1, p. 97 – 106.
- DAOLIO, Jocimar. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial e a Educação brasileira*. In. BARROS, José Márcio (org.). *Diversidade Cultural: da proteção à promoção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Pedagogia da Diferença*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009 (Coleção Repensando a África, Volume 2)
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. *Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica?* In. *Pensar a Prática* 2: 119-135, jun./jul. 1998-1999.

¹ Licenciada em Educação Física – UFMG/ Mestranda em Educação – UFOP/ Professora de Educação Física no Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto/ laura.rocha@ifmg.edu.br

² “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências.”

³ Os próprios alunos expuseram no grupo o texto <http://papodehomem.com.br/haka-a-lenda-dos-all-blacks/> e um dos alunos comentou como seria essa dança guerreira no Brasil “poderia usar vários ritmos musicas como dança indígena, capoeira...”

⁴ “Acho que vale a pena nos questionármos pq ‘viado’, ‘índio’ e ‘macaco’ é dito entre vcs para ofender, ou só pentelhar mesmo, os colegas... O que vcs acham disso? Comentem por favor!!!”; “Vc é uma pessoa racista?”; “Vc acha q o Brasil é um país racista?”

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=6Nlt-Q5iuYE> acessado dia 05.04.13 as 20:49

⁶ Nas palavras da própria aluna: “Querem evidenciar o racismo sem ser negro,sem nunca ter sofrido preconceito por isso é muito fácil,porém na minha opinião,falar e debater sobre ele,sem fazer algo não ajuda em nada.No Brasil não há desigualdade somente em relação à cor,e porque evidenciar somente essa desigualdade?!Faz parecer que somos diferentes e não iguais à todos os seres humanos.”

⁷ Com a prática deste jogo conseguimos inclusive realizar uma intervenção na Semana de Cultura Afro-Brasileira e Africana na escola, em que os próprios alunos organizaram um festival de mancala e ensinaram colegas de outras turmas a jogar.

⁸ Nas palavras do próprio aluno: “Esse mesmo assunto sobre racismo outra vez [Laura](#)?!Como vc disse a respeito da piscina "ja deu", eu tbm acho que tudo que tinha pra ser discutido sobre esse assunto ja foi dito, pois se não fica muito repetitivo, e tbm ninguem esta comentando, na minha opinião nem devem estar abrindo para ver, mas como eu disse, isso é minha opinião a respeito, nada contra, sem problemas vc colocar sempre esses posts sobre racismo e tals...apenas queria te dizer minha opinião a respeito, mesmo ela valendo ou não.”